

PELAS PÁGINAS DA REVISTA OESTE: PODER E IMPRENSA EM GOIÁS (1942- 1944)¹

BY THE PAGES OF REVISTA OESTE:
POWER AND PRESS IN GOIÁS (1942-
1944)

Rildo Bento de Souza²

Endereço Profissional: Universidade Federal de Goiás, Avenida
Esperança, s/n, Campus Samambaia. Prédio Humanidades II.
CEP: 74.690-900. Goiânia, Brasil.
E-mail: rildobento@gmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar a projeção da figura do então Interventor Federal de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, nas páginas da Revista Oeste, entre 1942 a 1944. Com a intenção de ser um veículo disponível para escritores, poetas e intelectuais, com o passar do tempo a revista tornou-se um meio de propaganda do Estado Novo. Priorizou-se a análise de quatro exemplares, abrangendo todo o período em que esteve em circulação, ressaltando os artigos que faziam menção ou a Goiânia ou ao político que a construiu.

Palavras-chave: Poder, Imprensa, Goiânia.

Abstract: The objective of this article is to analyze the projection of the figure of the then Federal Auditor of Goiás, Pedro Ludovico Teixeira in the pages of Revista Oeste, between 1942 and 1944. With the intention of being a vehicle available to writers, poets and intellectuals, with the passage of time the magazine becomes a means of propaganda of the Estado Novo. Prioritizes the analysis of four copies, covering the whole period in which it was in circulation, highlighting the articles that made mention of Goiânia or the politician who built it.

Keywords: Power, Press, Goiânia.

1 Versão estendida de parte do terceiro capítulo da tese de doutorado intitulada "A História não perdoa os fracos": o processo de construção mítica de Pedro Ludovico Teixeira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, em março de 2015, sob a orientação da Profa. Dra. Cristina de Cássia Pereira Moraes.

2 Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Professor Adjunto do curso de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

Introdução

O Batismo Cultural de Goiânia, capital do Estado de Goiás, ocorreu no dia 05 de julho de 1942 e marcou a inauguração da cidade sob o signo da cultura e da ciência. Na ocasião, a convite de Pedro Ludovico (1891-1979), então Interventor e fundador de Goiânia, intelectuais, artistas e cientistas reuniram-se na jovem capital promovendo uma extensa programação que incluía conferências, congressos, palestras, peças teatrais, desfiles e exposições³. Neste dia, por exemplo, foi inaugurado o Teatro Goiânia e lançado o primeiro número da *Revista Oeste*, que propagandeava as ações do Estado Novo⁴, bem como as do governador. Entretanto, esse lançamento não constou da programação oficial do evento.

Com o objetivo de analisar a projeção de Pedro Ludovico na *Revista Oeste*, tomaremos como principais fontes quatro edições, das vinte e três que circularam entre julho de 1942 a dezembro de 1944. A escolha não se pautou pelas revistas em datas comemorativas como a julho de 1943 e 1944, onde se comemorou o aniversário da própria revista bem como o do Batismo Cultural de Goiânia; tampouco escolhemos as de outubro de 1943 e 1944, que homenageavam tanto a jovem capital quanto o seu idealizador, que aniversariam nesse mês.

As quatro edições escolhidas foram: a nº 01, de julho de 1942, justamente por ser o primeiro número e pautar o tom ufanista e bairrista que a revista adotaria durante sua existência; a edição nº 02, de março de 1943, por ser o primeiro número de uma série ininterrupta até o seu fim, e por ser toda ela feita às expensas do Governo Estadual, de acordo com o projeto de Lei do então Interventor Federal, Pedro Ludovico; a edição nº 12, de janeiro de 1944, que marca o meio da publicação; e por fim, a última edição, de nº 23, de dezembro de 1944. Destarte, com essas quatro edições acreditamos que conseguiremos vislumbrar a projeção de Pedro Ludovico na revista.

3 Para uma descrição pormenorizada do evento consultar: PIMENTA NETTO. Anais do batismo cultural de Goiânia. Goiânia: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. Para uma análise mais jornalística do evento, com um forte apelo a imagem de Pedro Ludovico, ver: GALLI, Ubirajara. A história do batismo cultural de Goiânia. Goiânia: Ed. da UCG; Contato Comunicações, 2007. Para uma análise histórica, que dialoga com o contexto da época e principalmente com a Marcha para o Oeste consultar: SOUZA, Candice Vidal. Batismo cultural de Goiânia: um ritual da nacionalidade em tempos de Marcha para o Oeste. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.) Goiânia: cidade pensada. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

4 Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial civil liderado por Getúlio Vargas, "garantido pelas forças armadas, em que as manifestações políticas eram proibidas, o governo legislava por decreto, a censura controlava a imprensa, os cárceres se enchiam de inimigos do regime. (...) O Estado Novo não queria saber de povo nas ruas. Era um regime mais próximo do salazarismo português, que misturava repressão com paternalismo, sem buscar interferir exageradamente na vida privada das pessoas. Era um regime autoritário, não totalitário ao estilo do fascismo, do nazismo, ou do comunismo" (CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o Longo Caminho. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 109).

Sobre a Oeste

Criado em 1935, o município de Goiânia tornou-se capital do Estado dois anos depois. Fora construído por iniciativa do médico e político Pedro Ludovico, que chegou ao poder devido a Revolução de 1930, que, em âmbito nacional, levou Getúlio Vargas à Presidência da República. Pedro Ludovico ficou quinze anos ininterruptos à frente do executivo estadual, de 1930 a 1945, ora como governador, ora como Interventor Federal. Em 1945, foi eleito para Senado, abrindo mão do cargo para assumir o governo mais uma vez em 1951. Após o mandato, foi eleito senador em 1954 e reeleito em 1962, onde ficou até 1969, após ser cassado e ter os direitos políticos suspensos por dez anos devido ao Ato Institucional nº 05.

Embora tenha se tornado sua principal bandeira política até o fim da vida, foi somente em 1931 que Pedro Ludovico começou o discurso para a construção de uma nova capital. Isso é curioso, pois mesmo quando redator de jornais oposicionistas, antes de assumir o poder em 1930, o jovem médico nunca havia aventado a possibilidade da construção de uma cidade com o objetivo de transferir a capital do Estado. Para concretizar a ideia, Pedro Ludovico usou o discurso do *progresso* como principal argumento de convencimento para a construção de Goiânia.⁵ Nesse sentido, a Cidade de Goiás, antiga capital, se tornaria “a expressão do atraso”, e Goiânia, por sua vez, “o símbolo do progresso, expressão de um Estado que rompe com seu passado e de um povo que se mostra capaz de construir seu futuro ativamente. E isso será dito por Pedro Ludovico, em diferentes oportunidades”.⁶

Mesmo em um ambiente adverso, com os efeitos da grave crise econômica de 1929, Pedro Ludovico levou a cabo nos anos seguintes a construção da nova capital. Se “essa ideia fosse concretizada e se tornasse um sucesso, seu nome se eternizaria, sendo lembrado como aquele que dividiu a história do Estado em antes e depois de sua atuação”, uma vez que a “Revolução de 1930, sozinha, não conseguiria produzir os dividendos políticos necessários para sua perpetuação no poder”.⁷

O processo da construção da nova capital durou seis anos. Em 1931, Pedro Ludovico divulgou a ideia; em 1932 nomeou uma comissão para a escolha do lugar; em 1933 ocorreu o lançamento da Pedra Fundamental; em 1935 criou-se o município; e em 1937 transferiu-se a capital para a nova cidade, cuja inauguração de fato ocorreu cinco anos depois, em 1942, com o Batismo Cultural. Nesse evento, Goiânia já era uma

5 CHAUL, Nars Fayad. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. UFG, 2010, p. 234; CHAUL, Nars Fayad. A construção de Goiânia e a transferência da capital. Goiânia: UFG, 1988, p. 166; MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história. Goiânia: Cegraf/UFG, 1990, 153.

6 CAMPOS, Francisco Itami. Mudança da capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org.) Goiânia: cidade pensada. Goiânia: Editora da UFG, 2002, p. 176-177.

7 SOUZA, Rildo Bento de. “A história não perdoa os fracos”: o processo de construção mítica de Pedro Ludovico Teixeira. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015, p. 83.

realidade; possuía quase o triplo dos habitantes da Cidade de Goiás, que não ultrapassava a marca das dez mil almas, nos seus mais de trezentos anos de existência. Projetada para cinquenta mil habitantes, a nova capital não demoraria a romper essa fronteira.

Goiânia se tornou, desde então, a base do discurso de Pedro Ludovico, tanto para se projetar politicamente quanto na memória e na história do Estado.⁸ Nesse sentido, a *Revista Oeste* teve o objetivo de oferecer a base poética, literária e o verniz intelectual desse processo. Nos seus vinte e três números, entre julho de 1942 a dezembro de 1944, ela se tornou o veículo do pensamento oficial da época, embora pautasse por um caráter cultural, revelando escritores e intelectuais. A *Revista Oeste* “se tornou um instrumento de poder do Estado, não só na esfera do governo estadual, mas do Estado Novo também”.⁹ Outrossim, a *Oeste* ajudou a consolidar Goiânia, bem como difundiu o processo de modernização de Goiás.¹⁰ Sua tiragem variava de 350 a 500 exemplares, e contou com mais de uma centena de colaboradores entre poetas, prosadores, historiadores, jornalistas, e cientistas sociais.¹¹

Seu projeto de criação obedecia a um objetivo pragmático, relativamente comum a todas as publicações goianas que flertavam com o Executivo. De um lado um segmento da intelectualidade goiana teria dos políticos do estado os recursos necessários para a fundação de um periódico e sua divulgação dentro e fora dos limites do estado. De outro lado, essa mesma elite política receberia em troca o apoio dos políticos e o trabalho de propaganda maciça ao longo de suas páginas.¹²

No seu estudo pioneiro Eliane Dayrell dividiu a *Revista Oeste* em três fases: a primeira, composta apenas do primeiro número, que conseguiu ser “uma revista literária, de um elemento incentivador e apresentador do esforço intelectual goiano”; a segunda fase, de março de 1943 a fevereiro de 1944, quando buscou-se conciliar a “função de divulgador literário com a de divulgador político ideológico”; e a terceira fase, de março a dezembro de 1944, com a “utilização da Oeste como instrumento exclusivamente de cunho político-ideológico”, onde “não há mais preocupação em conciliar propósitos distintos”.¹³

8 SOUZA, Rildo Bento de. “A história não perdoa os fracos”. Op. cit.

9 SCHWAB, Marina de Castro. Os intelectuais no Estado Novo (1937-1945). A trajetória de Paulo de Figueiredo e as revistas Cultura Política e Oeste. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010, p. 43.

10 COSTA, Maria Beatriz Ribeiro. A Revolução de 1930 e a Revista Oeste na consolidação de Goiânia. Do Bandeirismo utópico à concretização do discurso. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1994.

11 NEPOMUCENO, Maria de Araújo. A Revista ‘Oeste’: seus intelectuais e a organização da cultura e modernidade em Goiás (1942-1944). In: Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação. Aracajú-SE: 2008, p. 02-03.

12 ARRAIS, Cristiano Alencar. Mobilidade discursiva: o periodismo político em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2013, 95-96.

13 DAYREL, Eliane Garcindo. A Revista Oeste – Ideologia e História. In: Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História. São Paulo: 1979, p. 1349-1350.

A primeira edição – julho de 1942

Todo o primeiro número da *Revista Oeste* é uma ode a Goiânia e a seu idealizador e construtor, uma vez que foi lançada em meio as comemorações do Batismo Cultural da cidade. O editorial, sob o título de “Oeste” dizia que a revista era “o veículo oficial do pensamento moço de Goiás. Limita seu aparecimento a fase mais vitoriosa de Goiás, dentro de aspectos absolutos”.¹⁴ Essa “fase mais vitoriosa” do Estado dizia respeito à construção de Goiânia, que já era uma realidade em 1942, contando com quase o triplo de habitantes que existia na Cidade de Goiás, enquanto a mesma ainda ostentava o título de Capital.

A revista era pretensiosa no sentido de relacionar a nova Capital a “outra posteridade mental”, que repercutiu no “estado social-político-intelectual” dos jovens escritores e intelectuais, que renderam seus trabalhos a homenagear, em uma “brasilidade sã, uma obra e um autor”.¹⁵

A obra é Goiânia; Pedro Ludovico, o autor.

Vale pelo que a mocidade goiana deva retribuir a seu benfeitor. Benfeitor que nos oportunizou cooperação nos destinos comuns da raça goiá. Benfeitor que veiculou a seiva novadora de uma geração rumo a processos de revitalização política.

Por isso que OESTE repete a época e o homem; a obra e o destino.

Não lhe parece possível subtrair do campo de visada programático todo este sistema evolutivo, imediatizados, última análise, de uma só causa.

A causa Pedro Ludovico por Goiás”.¹⁶

Ou seja, logo no editorial, a revista se pauta por homenagear Pedro Ludovico, a quem chamam de “benfeitor” e sua causa por Goiás. Por conseguinte, no texto de Castro Costa intitulado “O sentido ideológico de Goiânia”, há uma tentativa de criar uma historicidade para a jovem capital. Para isso o autor relaciona a Marcha para o Oeste¹⁷ a um novo bandeirantismo, ou seja, a uma nova reinvenção e recriação do Estado; se os bandeirantes descobriram o ouro no sertão que impulsionou os tempos pioneiros, foi

14 REVISTA OESTE. (Fac-similar das vinte e três edições) Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1983, nº 01, p. 02.

15 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 02.

16 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 02.

17 “A ‘Marcha’, rememorando a figura mítica do bandeirante, seria continuada pelo Estado Novo que, enfatizando a ideia de uma nação em movimento rumo à sua concretude e ao seu progresso, sugeria um movimento no sentido da construção de uma nação, que irmanada caminhará rumo ao seu progresso futuro. Novamente, tratava-se de um movimento, de uma marcha, dos paulistas pelo sertão, pelo interior. A imagem do bandeirante como herói da história do Brasil serviu para conferir legitimidade a um ‘novo movimento bandeirante’, através de uma tradição inventada. (...) Assim, para além de seu sentido de brasilidade, a ‘Marcha para Oeste’, era, também, uma questão de segurança nacional. A estratégia política da criação de colônias agrícolas nacionais, nas áreas consideradas vazias do interior do país, servia, por um lado, ao propósito de promover a diminuição dos conflitos urbanos, através do patrocínio da migração interna pelo estado; por outro, o povoamento das fronteiras nacionais evitaria sua ocupação por nações estrangeiras” (PEREIRA, Eliane M. C. Manso. O Estado Novo e a Marcha para o Oeste. In: História Revista, 2(1). Goiânia, Universidade Federal de Goiás, jan./jun, 1997, p. 118).

somente com Pedro Ludovico que o Estado obteve a projeção e o progresso tão aguardados ao longo do tempo.

Aí está por que dissemos, linhas atrás, que a edificação de Goiânia, cidade que só a vontade de um Pedro Ludovico poderia erguer, representa um fato sociológico inédito no País, em virtude de traduzir um momento centrífugo, isto é, que parte do centro de nosso território para se irradiar para a periferia. (...) É uma grande idéia na vida nacional, é um símbolo.¹⁸

Para o autor, Pedro Ludovico deixou de ser um substantivo próprio para se tornar um adjetivo. Ao dizer que Goiânia só existia graças à “vontade de um Pedro Ludovico”, ele coloca o então Interventor na condição de figura quase mítica, cuja criação de uma cidade dependesse unicamente da sua vontade.

A foto da mãe de Pedro Ludovico, dona Josefina Ludovico de Almeida, ilustra o texto de Vasco dos Reis, que homenageia as mães goianas. Ao tomar a mãe do Interventor como modelo, o autor se justifica afirmando que a mesma “encarna com perfeição as peregrinas virtudes de mãe brasileira e goiana”. Por outro lado, o autor utiliza a mãe para tecer elogios ao seu filho mais ilustre: “Ela é a genitora de Pedro Ludovico. Foi ela quem formou esse grande coração e esse grande cérebro, fundindo-os na extraordinária envergadura do estadista eminente que tanto eleva Goiás e dignifica o Brasil”.¹⁹

Ainda no primeiro número há um poema chamado “Exaltação”, cujo subtítulo é: “Ao ensejo da inauguração oficial de Goiânia”, de autoria de Francisco de Brito. O poema ao falar de Goiânia fala muito de Pedro Ludovico, como se um já houvesse se tornado sinônimo do outro:

Um gênio audaz, da estirpe do Anhanguera,
enfrentando e vencendo dissabores,
aqui plantou o marco de outra era.

Á maneira do rude pioneiro
que escreveu a epopéia das Bandeiras,
ao seu povo ele deu novo roteiro.

Da luta furiosa e sem clemência
surgiu Goiânia, esplêndida e vibrante,
em revide aos tabus da decadência.

18 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 03.

19 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 07.

Soberba, impressionante realidade,
Goiânia empolga como raro exemplo
que um homem dá de força de vontade.

Cabem-lhe agora os louros da vitória:
a quem venceu sozinho uma batalha
sobra um lugar no Panteon da História!²⁰

A Goiânia do poeta é a Goiânia de Pedro Ludovico, a quem compara ao bandeirante Anhanguera e o coloca como alguém que deu ao Estado um novo roteiro, diferente do até então escrito na história. Para o poeta, Pedro Ludovico “venceu sozinho” a batalha para construção da cidade, como se não houvessem entusiastas, como se não houvessem apoiadores, e só houvessem “dissabores” durante a trajetória para a sua consolidação. Dessa forma, a narrativa do mito começava a se formar ao colocar Pedro Ludovico não só no Panteão da História, como no centro dos acontecimentos e que somente ele tivesse o poder de gerir e interferir no andamento do processo de construção da Capital. Nesse mesmo caminho ressalto um trecho do poema “Goiânia Festiva” de autoria da poetiza Nelly Alves de Almeida, que diz:

Goiânia festiva!
Há música e alegria em teu seio!
E minhalma, fiandeira da ilusão,
Quer desfiar os fios lumionosos desta glória,
Na brancura divina de teus pés
Para que os sóis que, daí, surgirem
Sejam perenes
E coroaam a tua frente e a de teu criador
Com o perfume da imortalidade!
E para que, nas páginas de nossa história,
Possam os homens de hoje mostrar aos de amanhã
O brilho que dimana, alvissareiro,
De teu dia maior!
De teu 5 de julho!²¹

20 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 11.

21 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 12.

O poema coroava tanto Goiânia quanto Pedro Ludovico com o “perfume da imortalidade”, como se enquanto o cimento e o concreto da jovem capital perdurasse, também perduraria o nome do seu criador. A poetiza tinha total consciência da importância da inauguração de Goiânia ao afirmar que “possam os homens de hoje mostrar aos de amanhã”, num claro sinal de que a *Revista Oeste* estaria, naquele momento, cumprindo o papel de guardião da memória.

Noutro texto, intitulado “O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia”, Amália Hermano Teixeira relata sobre o evento que ocorreu de 18 a 28 de Junho, ressaltando e elogiando o criador de Goiânia: “Uma nova capital – ontem, sonho para Pedro Ludovico e para nós outros brasileiros. Goiânia – hoje, a realização ousada de seu próprio idealizador, feito só comparável a um milagre”.²²

A última página da *Revista Oeste* foi dedicada a um texto de Pedro Ludovico intitulado “Mensagem ao Brasil”, onde ele exalta Goiânia e o seu Batismo Cultural.

Dirijo-me ao Brasil, no ensejo da passagem do maior acontecimento já registrado no meu Estado.

Inaugura-se hoje a jovem Goiânia, Capital de Goiaz.

Ao entregar à comunhão nacional a cidade cuja construção foi parte primacial do meu programa de governo, despido de espírito regionalista, ergo o meu olhar para a Pátria comum, antevendo o seu futuro esplendoroso.

Tenho a honra de saudar, na pessoa do grande condutor, o Presidente Getúlio Vargas, o Brasil gigante e poderoso.

(...) Saúdo o Brasil todo, símbolo de pujança, dignidade e elevação moral.

A Ele, BRASIL, entrego um grande ideal que se tornou uma grande realidade – GOIÂNIA.²³

Ao fim da primeira edição da *Revista Oeste*, podemos observar que há uma enorme subserviência a imagem de Pedro Ludovico, algo que transcende uma simples bajulação (talvez pelo fato de ser custeada pelo Estado!), e quase chega a uma adoração, uma vez que a revista só não desce a esse nível, talvez por contar com grandes nomes da intelectualidade e da literatura do período. Esse tom se repetirá em todos os números da revista, chegando ao nível da adoração nas edições comemorativas, como as de julho e outubro.

22 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 15.

23 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 01, p. 23.

A segunda edição – março de 1943

Entre a primeira e a segunda edição houve um hiato de oito meses. Essa segunda edição marca uma série ininterrupta até o fim da revista em dezembro de 1944. A edição de março de 1943, traz na capa a imagem de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico com a justificativa de ambos sobre o golpe que resultou no Estado Novo em 1937. Pedro Ludovico afirma que o “ato foi a resolução mais acertada de seu governo”, se referindo ao Presidente.²⁴

No editorial, há uma justificativa em relação ao longo período em que a revista ficou fora de circulação (entre julho de 1942 a março de 1943), atribuídos a problemas enfrentados pela redação. Nesse texto há um longo agradecimento a Pedro Ludovico:

Incluamos destas palavras de rostos nossos agradecimentos ao sr. Pedro Ludovico Teixeira, agradecimento que é o mesmo de tôda a mocidade de Goiaz, cujo espirito e capacidade de iniciativa são a própria inspiração de “Oeste”. Atendendo, com equidade, aos vários aspectos do Estado, o fundador de Goiânia não esqueceu algum deles.²⁵

Os problemas enfrentados pela redação foram resolvidos por Pedro Ludovico ao contratar os responsáveis pela revista como funcionários do Estado, custeando a sua publicação periódica. O agradecimento, nesse contexto, sugere ainda mais subserviência à imagem do Interventor.

O texto que ocupou o maior espaço na segunda edição da revista foi uma matéria sobre o golpe de 10 de novembro de 1937, que instituiu o Estado Novo. Nele, há uma foto de Pedro Ludovico sob o título “Foi preciso o golpe de 10 de Novembro”. O jornal transcreve, então, na íntegra, um discurso que ocupa mais de duas páginas. Antes, na introdução, há rasgados elogios ao autor do discurso, proferido em Anápolis, em janeiro de 1943.

(...) discurso êsse que OESTE tem hoje a honra de estampar em suas colunas, como homenagem a êsse homem invulgar que, a-par-de portador das magníficas qualidades de administrador que todos conhecem, é sem dúvida um dos analistas mais sinceros e perspicazes da atualidade política brasileira.

Essa oração, sóbria embora, vem reiterar o que se disse alhures – que o Interventor Pedro Ludovico é um dos mais objetivos divulgadores dos princípios doutrinários do Estado Novo, em tão boa hora implantado no

24 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 02, p. 01.

25 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 02, p. 02.

Brasil. Aliás, o fato de ser hoje o único chefe de governo estadual que não foi afastado de seu p o sto, desde 1930, é bem uma demonstração inequívoca da identidade de vistas que Sua Excelência tem com o Presidente Vargas, do qual é um auxiliar de pulso e empreendedor.²⁶

O texto ressalta um aspecto importante da trajetória política de Pedro Ludovico: ele estava na chefia do Governo Estadual desde 1930, ora como Interventor, ora como Governador eleito, e novamente como Interventor Federal. Isso atestava a sua condição de proximidade com Getúlio Vargas, principalmente depois que este visitou Goiânia, tornando-se o primeiro Presidente a visitar o Estado, bem como o impulso que a jovem Capital conferiu a sua “Marcha para o Oeste”.

Noutro passo, o texto de Odorico Costa: “O mês de fevereiro na história de Goiás”, aborda o que de mais importante aconteceu nesse mês na história do Estado. Como não poderia deixar de ser, lá estava Pedro Ludovico:

Na história de Goiânia, por sua vez, não existem atos oficiais praticados em fevereiro. Não existem atos oficiais, mas há uma ocorrência de singular importância: foi a 24 de fevereiro de 1931 que o sr. dr. Pedro Ludovico, pela primeira vez, falou a respeito de seu projeto de transferir para outro lugar a capital do Estado.²⁷

No penúltimo artigo, a Revista Oeste rende homenagens ao fundador de Goiânia, com o título: “Pedro Ludovico, protetor da classe intelectual em Goiás”, que traz um agradecimento a ele, por autorizar a Imprensa Oficial do Estado a editar a Revista Oeste, por meio do Decreto-Lei n. 7045, de 3 de fevereiro de 1943, que chegou a ser transcrito ao término do artigo.

O gesto do Interventor Pedro Ludovico, mandando publicar, oficialmente, esta revista, é d e sses que definem um estadista. Ele veio revelar que o governo goiano não se preocupa somente com os problemas econômicos, isto é, com as coisas materiais, mas, também, com as coisas do espírito. E veio dar oportunidade aos goianos de mostrar, através de OESTE, que nosso Estado não tem só fumo, cristal, babaçu, níquel, mas também... cabeças.

Há muito moço por aí de alta vocação literária, há muita gente que estuda em nossa terra e tem estudos sérios sobre assuntos sérios, há muito intelectual de boa linhagem, cá neste planalto. Entretanto, ninguém sabe deles. Até existe o grupelho dos tabús interessado em que esses valores não venham ocupar o seu lugar ao sol.

O próprio Interventor Pedro Ludovico é um intelectual, sobretudo um

26 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 02, p. 03.

27 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 02, p. 21-22.

poeta. Naturalmente que os escritores mirins, que possuem apenas certificado do curso primário das letras, acharão absurda tal afirmação. – Poeta o Interventor?! Qual! Era só o que faltava! Mas, alto lá. Não estamos rabiscando estas linhas para semi-analfabetos. Pedro Ludovico, na tão só criação de Goiânia, realizou uma grande obra poética. Por que Goiânia é uma epopéia, escrita com amor, com sangue e coragem, no coração do Brasil. E sobre seu valor propriamente intelectual – não falamos de intelectual à antiga, tipo pernicioso, parasitário, que vivia no mundo da lua – falamos, bem alto, seus discursos, entre os quais o pronunciado em Anápolis e que publicamos neste número, peça admirável, repassada de um humanismo viril e rica em sentido construtivo.

Por tudo isso, o dr. Pedro Ludovico Teixeira é, pódese dizer, um exemplo vivo para a classe dos que pensam e estudam. Por outro lado, a Academia Goiana de Letras, a Biblioteca Pública do Estado, o Instituto Histórico e Geográfico e todas as entidades culturais contam com seu auxílio e com seu integral apoio. Livros são publicados, constantemente, com sua ajuda. Se isso não bastasse, estaria aí, para demonstrar o interesse do atual interventor goiano pela cultura, a proteção que ele dispensa aos intelectuais (...).²⁸

O texto consagra Pedro Ludovico como um poeta, cuja maior obra foi a construção de Goiânia, tida por uma “epopéia”. Tão retumbantes adjetivos ao Interventor tinham o objetivo claro, nesse artigo, de integrá-lo ainda mais à “intelectualidade” goiana, já que o apoio dele garantia a sobrevivência tanto da Revista Oeste, como da Academia Goiana de Letras, a Biblioteca Pública do Estado, e o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Décima segunda edição – janeiro de 1944

Os agradecimentos a Pedro Ludovico também podem ser encontrados no editorial da edição de número 12, de janeiro de 1944, quando a Revista Oeste comemorava o fato de entrar no seu terceiro ano de existência, já que o primeiro número é de 1942, o segundo de março de 1943, quando iniciou sua série ininterrupta até dezembro de 1944.

Todavia, a glória maior dessa projeção da revista – nunca é demais lembra-lo – cabe a sua excelência o sr. dr. Pedro Ludovico, sem dúvida alguma o maior incentivador da cultura anhanguerina, de que OESTE é, no momento, a expressão mais séria.²⁹

28 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 02, p. 30.

29 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 12, p. 01.

Como veículo oficial, a Revista Oeste se projetava como a maior referência da cultura goiana, ou a sua “expressão mais séria”. Porém, deixando cada vez mais de lado os contos, a poesia e a literatura de jovens escritores goianos, a revista passou a exaltar a imagem de Pedro Ludovico Teixeira, como quando, em um artigo, há a notícia de uma publicação da Rádio Clube, de um folheto editado pela Imprensa Oficial do Estado, contendo a transcrição dos discursos e homenagens proferidos por diversos políticos e personalidades goianas em honra ao Interventor pelo seu aniversário ocorrido em 23 de outubro do ano anterior, quando o referido programa de rádio foi transmitido.³⁰

Mais adiante, em um artigo intitulado “A projeção de Goiás no cenário nacional”, tendo uma fotografia de Pedro Ludovico como ilustração no lado esquerdo, há a exaltação de que nunca fora “tão sólida e tão brilhante a posição de Goiás no cenário da vida nacional”, e que os “jornais e as revistas da Capital Federal e de todo o país trazem, diariamente, noticiário farto sobre as possibilidades do nosso Estado e as realizações do nosso governo”. Ademais, em “toda a parte, pessoas de responsabilidade, em artigos, em conversa, em discursos, etc., não escondem seu entusiasmo pela administração de Pedro Ludovico, cuja figura admiram, estimam e respeitam”. Os elogios ao Interventor continuam, a respeito do “quão benéfica tem sido, para Goiás, a administração de Pedro Ludovico”, que mais adiante é atribuído o fato de elevar “bem alto, o nome de Goiás, que hoje se situa em posição destacada nos quadros políticos da Nação, o que, sobre tornar ainda mais querido e prestigiado o nosso Interventor, nos enche de justa satisfação”. Para ressaltar ainda mais o atual governo, o artigo salienta que essa “projeção se sucedeu a um período de verdadeiro obscurantismo, em que a nossa província viveu como que à margem da vida brasileira”, obviamente se referindo ao período anterior a Revolução de 1930.³¹

Quem não nos conheça, procurará ver, na ascensão vertiginosa do nosso torrão à culminância do progresso, um milagre. Contudo, quem prive de perto com as gentes e as coisas da terra do Anhanguera, de logo encontrará explicação para o grande acontecimento, que está na administração patriótica, esclarecida e honesta do Interventor Pedro Ludovico. Porque sabem hoje todos os brasileiros, desde o Chefe da Nação ao mais humilde dos nossos patrícios, que Pedro Ludovico foi a alavanca poderosa que ergueu o Estado de Goiás da condição inferior em que ele se encontrava, antes de 30, para erguê-lo à magnífica situação em que atualmente está.³²

O texto destaca que antes de Pedro Ludovico era como se Goiás não fosse integrado à nação, vivendo “à margem da vida brasileira”, e que a prosperidade só

30 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 12, p. 08.

31 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 12, p. 09.

32 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 12, p. 09.

chegou ao Estado por obra e graça dele, que dividia a história goiana em dois períodos bem distintos: o “obscurantismo” e o progresso. O então Interventor também é lembrado em um artigo de Anderson Horta, intitulado “O que virá depois?”, com uma análise histórica sobre as formas de governo, a fim de vangloriar a Revolução de 1930 e a Revolução de 1937, que instituiu o Estado Novo, além de elogiar efusivamente Getúlio Vargas.

Haja vista o tino que demonstrou na escolha de seus imediatos colaboradores, salientando-se entre todos, a figura máscula de Pedro Ludovico Teixeira, Interventor neste Estado. Getúlio Vargas está para o Brasil assim como Pedro Ludovico está para Goiás.³³

Ao comparar a importância de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico para o Brasil e para Goiás, respectivamente, o autor coloca o Interventor, além de próximo da figura do Presidente, como alguém que tinha os mesmos objetivos e se comportava da mesma maneira. Como boa parte da *Revista Oeste* é uma ode à ideologia do Estado Novo, artigos dessa natureza se proliferaram por suas páginas, principalmente do meio para o final.

A última edição – dezembro de 1944

No seu último número, a *Revista Oeste* se apresenta totalmente descaracterizada do seu objetivo inicial: de valorizar os escritores goianos e disseminar a literatura. A 23ª edição, de dezembro de 1944, coloca como primeira matéria a transcrição do discurso proferido por Marcelo Caetano da Costa intitulado “Getúlio Vargas e Pedro Ludovico”, na ocasião dos festejos pelo aniversário do Estado Novo, em 10 de novembro de 1944. O texto enfoca a importância do golpe de Vargas, e a importância histórica de Pedro Ludovico:

Nestas plagas goianas, estaríamos faltando com as nossas convicções se não uníssemos ao nome de Getúlio Vargas, o desse outro brasileiro puro e idealista, que nos faz lembrar os “Varões Ilustres” de Plutarco, e que se chama PEDRO LUDOVICO, o construtor invejável de Goiânia – orgulho merecido dos filhos deste Estado.

(...) Não pretendo queimar incenso em turíbulos laudatórios às gloriosas individualidades de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico.

Quero tão somente apresentar as homenagens do meu profundo respeito às suas qualidades invulgares de homens públicos.

Não pretendo endeusar, tão pouco, as suas individualidades de sobejo

33 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 12, p. 23.

conhecidas.

Não procuro as suas genealogias, para realçar os seus méritos.

Tem eles a fidalguia de caráter daquele personagem de Dumas, Kent, cujos títulos nobiliárquicos irradiavam dele, pelos seus talentos, para os avoengos.

Os deuses que os viram nascer foram pródigos em os beneficiar, porfiando para entregar-lhes o filtro misterioso da vitória.

Brasileiros:

Não é só no bronze ou no livro que se glorifica o cidadão.

Se a vida não é mais do que a sucessão dos pais aos filhos e dos filhos aos netos, os nomes resplandecentes de GETÚLIO VARGAS e PEDRO LUDOVICO, viverão eternamente na sucessão desta geração que irá cantando em aleluias balsâmicas pelo mundo em fora a grandeza de seus talentos e a integridade de suas virtudes cívicas.³⁴

A enorme transcrição se justifica, pois se trata de um dos textos com os elogios mais explícitos a Pedro Ludovico. Em seu último número, pressupomos, a revista esforça-se para manter ativa a memória do Interventor visando à posteridade. Vasco dos Reis, noutro artigo, por exemplo, ao analisar os benefícios da política nacional em Goiás e a ação do governo estadual, no texto “Ação civilizadora”, exalta o Interventor: “(...) desse grande, desse extraordinário administrador cujo nome falo ou escrevo sempre com orgulho: Pedro Ludovico”.³⁵

Embora Goiânia fosse cantada em verso e prosa pela *Revista Oeste*, que se alinhava ideologicamente ao Estado Novo, e conseqüentemente, ao governo do Estado, pressupõe-se pela forma como fora defendida no artigo “Goiânia e o desenvolvimento econômico de Goiás”, que a jovem capital não era uma unanimidade. Podemos aventar, com base no artigo, que além dos decaídos da Revolução de 1930 e daqueles que tiveram os seus interesses prejudicados com a transferência, havia, ainda, uma oposição em todo o Estado que buscava se fortalecer, usando inversamente os mesmos argumentos que Pedro Ludovico lançou para justificar a transferência: Goiânia impedia o progresso do restante do Estado.

É este o objetivo do referido artigo que com uma foto estampada de Pedro Ludovico, rebate a incompreensão e a calúnia. “Quantos te não injuriam, dizendo que estás sugando as energias econômicas do Estado, que se vê entravado em seu progresso em benefício do teu!”. A estes o autor chamou de “homens de visão estreita”, “homens necessitados de filosofia”.³⁶ Infelizmente, a pesquisa não se aprofundou na propaganda negativa de Goiânia pelo Estado, porque este não é o nosso objetivo, mas levando em

34 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 23, p. 02.

35 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 23, p. 05.

36 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 23, p. 08.

consideração o teor do texto, é compreensível atestar que tal fato ocorreu.³⁷ E para tentar defender Goiânia em 1944, houve uma breve contextualização sobre a situação do Estado antes da Revolução de 1930. É a mesma estratégia que Pedro Ludovico usou por toda a vida, inclusive no seu livro autobiográfico “Memórias”, lançado em 1973.

Mas, que era o Goiaz de antanho? Um simples gigante geográfico. Porém: - “gigante adormecido” no “berço esplendido” de uma riqueza sem par. Terra, Goiaz, que tudo poderia dar, “em nela se plantando”... Nela, todavia, só se plantou, àquele tempo, a herva daninha da politicagem. E as plagas de Anhanguera aí estavam, poéticas, mas desertas, perdidas...

(...) Goiaz não tinha nada. Cerca de apenas cinco milhões de cruzeiros eram as rendas do Estado, em 1930. Estado que, por isso, não valia economicamente nada. Porque não vale, economicamente – e também politicamente e administrativamente – Estado sem renda, sem gente, sem administração.

(...) Pedro Ludovico calçou o gigante adormecido no bosque a bota de Goiânia, deu-lhe uma injeção de idealismo, e o Gigante se ergueu, majestoso, para gloriosas caminhadas.³⁸

A defesa de Goiânia e do seu idealizador ocorria em duas frentes, tanto pela *Revista Oeste*, quanto pela censura, que agia com rigor contra tudo que os desabonassem, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, que chegou a punir alguns veículos de imprensa goiana.³⁹ Para lembrar todos aqueles que os criticavam, o argumento da análise do antes e depois de Pedro Ludovico e consequentemente de Goiânia, era sempre lembrado.⁴⁰

Destarte, no artigo “Letras Goianas”, mais odes a Pedro Ludovico: “Continua o Interventor Pedro Ludovico a dar mão forte aos nossos intelectuais, com o que vai estimulando, de maneira louvabilíssima, o gosto pelas belas letras”.⁴¹ A revista,

37 Em 1960, por exemplo, Alfredo Nasser nos dá notícia de que Pedro Ludovico e seu grupo usava o discurso da construção de Goiânia, para garantir apoio político e impor seus candidatos, como aconteceu com Mauro Borges, seu filho, naquele ano. “Não fiz outra referência ao sr. Mauro Borges Teixeira na última campanha que a de ser seu filho. Isso é negar-lhe méritos pessoais? É negar-lhe o direito de participar da vida pública de Goiás? Muito menos. É condenar, em plano alto, em face dos melhores preceitos democráticos, as razões de sua candidatura e a maneira pela qual se processou sua escolha. Ao invés de debater o assunto, num diálogo que é o próprio do regime, seus amigos esbravejam: - ‘Mas o sr. Pedro Ludovico construiu Goiânia!’ Sim, ele construiu Goiânia, então, vamos erguer-lhe uma estátua. Mas eles não querem só a estátua. Querem, também, continuar esmagando todas as manifestações de liberdade e o desejo de evolução do povo goiano. Um soldado espanca um cidadão. Se você protesta, eles dizem: - ‘Deixa bater! Pedro Ludovico construiu Goiânia’. O dinheiro do povo é gasto criminosamente. Se você reclama, eles gritam: - ‘Quem construiu Goiânia?’ As eleições são tomadas de nossas mãos à boca das urnas, através de arma e de cofre. Se você geme, eles lhe dão uma coronhada: - ‘O Pedro não construiu Goiânia? Como é que vocês querem ganhar eleição?’ Ora, Goiânia já comemorou não sei quantos anos, na sua construção colaborou uma geração de brasileiros, sua existência já recompensou largamente aos que participaram dessa construção. Que mais? A tal indigência mental está reduzido o Governo, que toda crítica é uma ofensa pessoal. E onde está a ofensa?” (NASSER, Consuelo (coord.). Alfredo Nasser: o líder não morreu. Goiânia: Líder, 1995, p. 227).

38 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 23, p. 08.

39 Como o jornal “O Anápolis”, que de acordo com o seu então redator-chefe José Asmar, em 1942 foi suspenso pelo DIP, “o famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda, arremedo do aparelho na Alemanha nazista concebido por Joseph Goebels. Notinha crítica sobre buracos urbanos valeram duas semanas de punição, com direito a corretivo na Voz do Brasil. Na justificativa, o ridículo, marca registrada da censura: crítica a prefeito abrangia interventor, que o nomeara, e, ipso facto (o latim era necessário), o inatingível presidente da República” (ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. Imprensa Goiana, depoimentos para a sua História. Goiânia: Editora Ceme, 1980, p. 246).

40 Atualmente, o argumento é o mesmo construído por Marconi Perillo nas suas campanhas eleitorais para o governo do Estado de Goiás, que o definia como o Tempo Novo, em oposição a tudo que havia sido feito na história política de Goiás, que ele denominou de Tempo Velho, mesmo buscando em líderes como Pedro Ludovico e Mauro Borges as raízes do seu discurso.

41 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 23, p. 15.

finalmente, encerrou a sua exaltação a Pedro Ludovico com a transcrição de um discurso proferido por Cruz Perilo, funcionário federal aposentado, residente na Cidade de Goiás, por ocasião da inauguração da piscina pública daquela cidade, feita “as expensas dos cofres do Estado”, onde rendeu rasgados elogios a Pedro Ludovico:

(...) houve por bem o sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, preclaro Interventor Federal no nosso Estado, filho dileto desta querida e culta cidade de Goiaz, detentora que é dos feitos gloriosos que enobrecem as páginas acidentadas de nossa história já bissecular, inaugurar e oferecer ao laborioso culto e altivo povo de Goiaz, sua extremosa cidade-berço, na pessoa de seu dinâmico Prefeito, esta piscina construída toda ela nos moldes da técnica moderna.

(...) Destarte, deu sua excelência, o senhor Interventor Federal, além de muitas outras, sobejas provas e formal testemunho de seu grande amor e dedicação à sua terra natal, para cujo desenvolvimento e progresso, constantes e supremos anseios de sua pacífica e laboriosa população, não poupa esforços e não mede sacrifícios.

(...) É uma grande dívida que o povo goiano contraiu para com a sua mais alta autoridade do nosso Estado, filho dileto deste rincão abençoado.

(...) Felizmente, dotado de uma superior visão das coisas e dos homens, o dr. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal, idealizador e construtor da gigantesca obra que é Goiânia, a Flor-de-Liz, a mais jovem das Capitais do Brasil, cujo progresso é excepcionalmente vertiginoso, atestado eloquente, em um momento de feliz inspiração, nomeou justamente a um ano, Prefeito de Goiaz, o sr. Divino José de Oliveira (...)

O eminente estadista, sr. dr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Nacional, que tão sabiamente dirige os altos destinos do país, nesta hora de tremenda responsabilidade e nos difíceis e cruéis dias que estamos vivendo, nunca quis dispensar a colaboração eficiente, franca e sincera do nosso clarividente Interventor Federal dr. Pedro Ludovico Teixeira, cujo nome, coberto de loiros, passará à posteridade como um exemplo a ser imitado pelas gerações futuras.⁴²

O que torna esse discurso muito interessante para a análise proposta é que, para além de simplesmente elogiar Pedro Ludovico, há o objetivo de uni-lo à Cidade de Goiás, mais de uma década após iniciar o discurso da transferência da Capital. Esse fato não ocorreu de forma muito amistosa: políticos e intelectuais foram presos (como o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, o que gerou protestos em toda a cidade), órgãos de imprensa foram fechados e a polícia foi mandada para a rua com o objetivo de vigiar os antimudancistas.⁴³

42 REVISTA OESTE. Op. cit., 1983, nº 23, p. 26-27.

43 Conforme atesta os trabalhos de: MENDONÇA, Jales Guedes Coelho. A Assembléia Constituinte Goiana de 1935 e o Mudancismo Condicionado. Goiânia: Ed. da UCG, 2008; MENDONÇA, Jales Guedes Coelho. A invenção de Goiânia: o outro lado da mudança. Goiânia: Editora Vieira, 2013.

Poder e imprensa

É sempre difícil tecer a relação entre poder e imprensa, uma vez que todo periódico está completamente impregnado de ideologia. Jornais, revistas e até mesmo os atuais blogs, sempre são alvos de críticas por se manterem mais a direita ou mais a esquerda em relação à sua interpretação dos fatos, levando-os a se tornarem quase que um partido político. Se hoje é assim, que temos a disposição uma infinidade de possibilidades para buscar informações, imagina em tempos um pouco recuados... Isso posto, a leitura dos discursos veiculados na imprensa:

(...) permite acompanhar o movimento das idéias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação de diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.⁴⁴

Embora tivesse sido criada para divulgar o pensamento dos jovens intelectuais goianos, logo os “interesses específicos” da revista foram se moldando ao momento, até virar mais um instrumento de propaganda do Estado Novo em terras goianas. Na Revista Oeste não havia espaço para a contradição. Nesse sentido, os editores da revista colocaram suas credibilidades a prova para defender o projeto político do grupo de Pedro Ludovico que ocupava a chefia do executivo estadual desde 1930. A Revista Oeste chegou ao fim, mas Pedro Ludovico ainda continuou no poder.

Sobre a sua descontinuidade, além do afastamento de alguns colaboradores, sejam por motivos pessoais, ou por perceberem que a revista se tornara um instrumento ideológico do Estado Novo, não cumprindo, portanto, a sua finalidade exclusivamente literária, podemos analisar outras conjunturas que justificasse o fim da revista, já que não há nada conclusivo nesse aspecto. Ademais, há que se ressaltar que a medida que o Estado Novo avançava, sua ideologia se propagava pelos meios de comunicação, principalmente pelos financiados pelo erário, como era o caso da *Revista Oeste*, comprometendo o seu “caráter literário”. Nos seus últimos números, “suas páginas

44 CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 34.

tornaram-se quase que totalmente dedicadas a Getúlio Vargas, Pedro Ludovico Teixeira, à política estadual, nacional e internacional, à propaganda da economia goiana e às festas cívicas”.⁴⁵

Devem-se considerar, igualmente, problemas financeiros, “de autoridades ou possibilidades de manter elementos capazes de darem continuidade à edição da revista”. Ademais, pode-se aventar a possibilidade de um “esvaziamento dos interesses em jogo, provocado, em parte, pelas alterações já esboçadas no quadro da vida nacional”. Não havia espaço para a sua função de instrumento político-ideológico diante do desenrolar da guerra na Europa, que deixou o mundo apreensivo, principalmente o Brasil, que, em 1944, entrou nos fronts de batalha.⁴⁶

Ao encerrar esse passeio por esses quatro números da *Revista Oeste*, constata-se o empenho da mesma em blindar Pedro Ludovico de possíveis ataques pessoais ou em relação a sua administração, e tentar cristalizar uma imagem de herói⁴⁷. Nesse percurso, os adjetivos dedicados ao Interventor são exultantes: benfeitor, grande coração, grande cérebro, estadista, gênio audaz, estirpe do Anhanguera, criador, feito só comparável a um milagre, homem invulgar, magníficas qualidades de administrador, humanismo viril, incentivador da cultura anhanguerina, benéfico, querido, prestigiado, patriota, esclarecido, honesto, alavanca poderosa, figura máscula, brasileiro puro e idealista, “varões ilustres” de Plutarco, construtor invejável, orgulho merecido dos filhos deste Estado, gloriosa individualidade, fidalguia de caráter, grandeza de talentos, integridade de suas virtudes, extraordinário administrador, dotado de uma superior visão das coisas e dos homens, filho dileto e clarividente, isso só para ficar nos textos citados nesse artigo.

Considerações finais

Durante toda a sua existência, a *Revista Oeste* cumpriu o seu papel de propagar a imagem de Pedro Ludovico e exaltar os seus feitos, bem como solidificar Goiânia como um marco histórico e definitivo para o progresso do Estado, que foi repercutido nos livros de memória e nos estudos historiográficos. Ademais, a intensa campanha promovendo Pedro Ludovico, sufocou o discurso oposicionista, e seu nome se consolidou nas décadas de 1940 e 1950. Em 1969, devido ao Ato Institucional nº 05, teve seu mandato de Senador cassado e seus direitos políticos suspensos por dez anos. Porém, quando chegou a conhecer o ostracismo, sua imagem já estava talhada com ares

45 ARRAIS, Cristiano Alencar. Mobilidade discursiva. Op. cit., p. 98.

46 DAYREL, Eliane Garcindo. A Revista Oeste - Ideologia e História. Op. cit., p. 1349.

47 “Oeste não se distancia de outros periódicos que surgiram durante o Estado Novo (Cultura Política, Novas Diretrizes) divulgando o culto à imagem pessoal do Presidente. Como estes, publica seus discursos ou trechos, enaltece suas qualidades e atos. Acompanha-os ainda na extensão do culto pessoal a outras autoridades nacionais. O aspecto regionalista de Oeste, entretanto, vai incumbi-la de transpor ao milieuo estadual, esta característica do que podemos classificar como parte do conjunto ideológico do Estado Novo. Vai ser o instrumento do culto pessoal ao Interventor, estendendo-se às autoridades estaduais, segundo o modelo nacional, como no mesmo modelo também serão iniciados no culto alguns elementos familiares do Interventor” (DAYREL, Eliane Garcindo. A Revista Oeste - Ideologia e História. Op. cit., p. 1346-1347).

de herói. E a isso se deve a intensa propaganda que o glorificava, principalmente nas páginas de uma revista que nasceu para fazer literatura, mas no final acabou fazendo mais uma *hagiografia*.

Recebido em 11 de dezembro de 2017.

Aprovado em 16 de julho de 2018.